Baniwas oferecem Dabacuri cultural a autoridades

Leyla Leong

Para o espetáculo da inauguração do Ano Internacional dos Povos Indígenas, cujo desdobramento no decorrer do ano inclui apresentações que vão de Mercedes Sosa a Milton Nascimento, passando por Rigoberta Menchú (Prêmio Nobel da Paz), os 50 índios baniwas que dançarão hoje no palco do Teatro Amazonas tiveram que percorrer um longo caminho.

Remaram durante 15 dias da sua aldeia até São Gabriel da Cachoeira, onde um avião Buffalo os esperava para trazê-los até Manaus e hospedá-los no hotel da Vila Olímpica.

Brás de Oliveira Santos (da nação Baré), presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro e Bonifácio Jose, cujo nome indígena é Baniwa Uariperi Daquene, presidente da Organização da Bacia do Içana acompanham os 15 pares que apresentarão as danças que vieram a Manaus acompanhados dos seus filhos.

Ao som de flautas longas e zamponas, ritmadas pelo som dos pés, dançam como a "Andalaça", "Dabacuri", "Tapurutu", "Kassel" e "Mauaco" tomarão conta do Teatro Amazonas onde pela primeira vez a arte indígena entrará em cena.

Na manhã de ontem, iluminados pela luz de serviço do palco, homens e mulheres, alguns muito velhos, outros quase crianças, afinavam o som das flautas e aqueciam os corpos que hoje serão pintados com os dedos e o sumo de uma folha da floresta que é deixada secar por muitos dias, para depois ser triturada, fervida e coada, produzindo o tom vermelho escuro usado na pintura corporal baniwa.

Vindos do alto Içana, os baniwas vivem em 50 comunidades onde moram de 8 a 10 mil pessoas explica Santos. Pela convivência com as populações na área de fronteira com a Colômbia, onde adquirem roupas e mantimentos, a maioria dos baniwas domina o idioma espanhol, além do português e da língua geral.

A presença do Ministro Antonio Huanis e comitiva (9 pessoas), e dos 16 secretários de Estado da Cultura vinham a convite do Governo do Estado do Amazonas para abertura do Ano Internacional do Povo Indígena (com passagem e hospedagem no Hotel Tropical por conta do Estado), para os quais os baniwas oferecem o espetáculo de suas danças, não parece inibido. Ao contrário.

Falando como líder do movimento indígena, Brás de Oliveira Santos define a presença dos baniwa no palco do Teatro Amazonas como "uma forma de defender os
Não viemos pedir favor de ninguém.
Queremos ser reconhecidos como índios e brasileiros.
Já aprendemos o hino nacional.

O grupo dos tocadores de flauta afinam os seus instrumentos aqui "simplesmente pela boa vontade de se apresentarem, já que nenhum pagamento lhes foi oferecido pelo espetáculo". Já Bonfácio José aupeia que o cachê que estão recebendo seja a viagem até Manaus e a alimentação e a hospedagem na Vila Olímpica, cuja comida está achatada "razoável".

Normalmente os banívas acordam com a "quinhapira" (peixe frito no peixe temperado com base no camarão) acompanhando de um mingau quente de mandioca antes de saírem para o trabalho de roça. As próximas refeições não têm hora fixa. Os índios alimentam a qualquer momento que sintam fome.

Trabalhando com cerâmica e cestaria, os banívas, segundo os seus líderes, estão à procura de um canal de venda para a sua produção, e informam que contatos a respeito podem ser feitos através da Federação.

A Subsecretária de Estado da Cultura distribuiu 200 convites para a apresentação das Danças Banívas deixando os restantes 400 lugares do Teatro Amazonas à disposição do público que quere assistir gratuitamente ao espetáculo, cujo início está marcado para as 17h30min.